

qualquer contato com Home, não poderia, tampouco, ter incentivado a influência da Sra. Eckley.

Elizabeth Browning inclinava-se para as “paixonites” pessoais e políticas. Mostrara-se inflamada na defesa do nacionalismo italiano e foi uma partidária ardorosa da oposição francesa contra Napoleão III; o leitor encontrará uma analogia neste livro, no capítulo que trata de Victor Hugo. Assim sendo, como Elizabeth fala de Sophia Eckley como “tão delicada e refinada que nunca, nem por um momento, existe qualquer dissonância”, isto pode ser atribuído a um abuso poético e a um permanente traço adolescente, numa mulher cujo pai havia feito o possível para sabotar seu amadurecimento.

A ilusão conduz à desilusão e no final de 1859, ou no princípio de 1860, de algum modo Elizabeth descobriu que Sophie estivera trapaceando em seus dons mediúnicos ou experiências psíquicas. Ela confessou que fora “ludibriada” por Sophie e estava “nauseadíssima ante a qualidade pegajosa” de sua ex-amiga. Robert Browning achou que Elizabeth “merecia” sobejamente o seu desapontamento, “por ter fechado os seus olhos e entupido as suas orelhas, como ela deliberadamente fez”. Seu ódio por Home nunca morreu. Como se pode ver mais tarde, por exemplo, no dia 6 de janeiro de 1861, quando ele escreveu para Elizabeth Kinney, dizendo que não podia permitir que ela publicasse a carta onde ele falara, pela primeira vez, da sessão em Ealing, porque “por esse meio eu daria, ao rematado malandro em questão, um direito e também uma oportunidade para revidar de acordo com o seu estilo habitual, por meio de um novo vômito de mentiras iguais às que ele publicou há cinco anos atrás, no *Spiritual Magazine* [Revista Espiritual] — onde, referindo-se a essa mesma ‘sessão’, ele atribuiu toda a minha falta de fé ao meu ‘ridículo ciúme de minha esposa’ — a quem os Espíritos coroaram como ‘O Poeta’, passando sobre mim! Se alguma vez eu cruzar o caminho desse sujeito, provavelmente serei estúpido o bastante para manchar meu sapato dando-lhe um pontapé, mas eu deveria achar preferível manter a desgraça longe de mim, tanto tempo quanto possível. Na verdade, eu tenho que considerar um animal dessa espécie como sendo o sócio e a punição adequados para aqueles que preferem fechar seus olhos e abrir seus braços para a bestialidade encarnada”.

Um visitante americano da Casa Guidi, bastante diferente dos Eckley, foi Nathaniel Hawthorne (1804-1864), autor de

*The Scarlet Letter* [A Carta Escarlate] e *The House of Seven Gables* [A Casa dos Sete Frontões]. Ele visitou Florença na primavera de 1858, achou que Elizabeth tinha “um temperamento ardente, generoso e sem afetação”, mas concordou com Robert em sua aversão pelo espiritismo, provavelmente porque também tinha uma esposa, Sophie, que estava fascinada pelos fenômenos ocultos. Com o passar do tempo, Hawthorne foi ficando entediado com as exposições de Robert sobre a vilania de D. D. Home e, mais tarde, o novelista americano expressou sua irritação por aquela conversa que parecia não ter fim, “sobre aquele desagradável e agora cansativo assunto”. Enquanto Robert recontava as trapças, reais ou imaginárias, de Home, Elizabeth interpunha, “de vez em quando, uma palavra gentil, de admoestação”.

Nessa época, três anos antes de sua morte, o estado de saúde de Elizabeth era muito delicado. Hawthorne achou-a “uma pálida e pequenina mulher, quase que desmaterializada”. Sua voz, escreveu ele, era “estridente porém doce” soando “como se um grilo pudesse falar”. Robert causou-lhe a impressão de ser “gentilmente impulsivo”. Hawthorne disse aos Browning que sua “essência íntima” não “admitia, em nenhuma instância”, a realidade dos fenômenos mediúnicos. Ele compartilhou, com Robert Browning, de uma aversão contra qualquer violação da personalidade individual, qualquer invasão da alma humana.

Em 1841, quando a noiva de Hawthorne estava pensando num tratamento hipnótico para suas dores de cabeça, ele insistiu com ela para que se esquivasse “desses milagres magnéticos”, uma vez que eles dependiam de forças “das quais não conhecemos nem as origens, nem as conseqüências e nem o próprio fenômeno, que parece muito mais calculado para deixar-nos perplexos do que para ensinar-nos algumas verdades sobre o estado presente ou futuro da existência”. Ele também escreveu à noiva: “Supondo-se que esta força surja da transusão de um espírito para dentro de outro, parece-me que a essência sagrada de um indivíduo é violada por ele.”

Contudo, Hawthorne teve pelo menos uma experiência psíquica impressionante e seus escritos mostram uma atitude ambivalente para com tudo o que se refere ao sobrenatural. Certa vez ele viu um fantasma, numa sala pública de leitura em Salem, Massachusetts. Conforme ele contou esta estória,